



Fábio Cavalcante de Andradeⁱ

a cadeira, a moldura e o gato

a velha espalha cadeiras e espera
talvez a chuva calhe
talvez a morte seja breve
enquanto o ritual se tece melancólico
esta tarde vazia – a mesma do dia anterior
da semana passada ou do mês passado –
é um gesto de disciplina inútil
e o gato observa o quadro
pintado num chiaroscuro
o gato denuncia com olhos pardos
que todos os dias são o mesmo
e a velha sozinha é a moldura.

o terrorista, a caixa e a estrada

o terrorista implode qualquer imagem
esfacela tudo que não cabe no credo e na fé
muito pouco cabe na caixa
essa caixa íntegra que carregará ossos
de cartas cartões e promessas
a estrada é longa e serpenteia desde o horizonte
se perde em curvas e ao mesmo tempo tensa
como um fio de nylon segurando a grande
moldura de um quadro
o gesto arcaico do terrorista
nas cartas enviadas o mesmo gesto de fé
multiplica-se em galerias
que nunca mais serão visitadas
um tempo atravessado de certezas.

copos, gatos e sonhos

bebem água de nossos copos
como se pudessem descobrir os segredos
desafiam as regras de não subir na mesa
precisam de espaço
e por isso destroem os móveis
em queda-livre os copos
os copos multiplicando os olhos
o corpo eriçado bebe o susto súbito
e enquanto os maus espíritos
são varridos para debaixo do tapete
eles nos dizem em silêncio
que sonhos sonâmbulos não passam
de lebres disfarçadas de oráculos.

o manequim, o amor e o estilete

braços de plástico apontam
um para cima e outro para baixo
a magia negra do amor
que pode ser vermelha a depender da dor
da força ou da delicadeza com que o estilete
desenha pentagramas
ou nomes de anjos e demônios
na pele artificial
levanta e anda boneco sem alma
ignora o que já está morto
o amor mais intransigente é capaz de prometer
a vida e o paraíso ao que jaz empalhado
e como o estilete seu corte é profundo
capaz de arrancar suspiros
da pálida boca sem brilho.

a lata, o cachorro e a memória

chutar as latas cheias de lembranças
enquanto a noite uiva suas luas
perder-se nos barcos que a noite inventa
que incendeia e naufraga
chutar as latas de quem se afoga
jogar longe a tábua de quem vai mergulhar
e não vai ver a luz do dia
ser sem dono invisível ao destino
que insiste em girar a fortuna
um vagabundo a mais contemplando
a invisível pompa do símbolo
urinar no reflexo estelar da noite
como se o tempo da memória fosse um rio
onde se banhar mais de uma vez.

(poemas do livro inédito "Nenhuma Palavra Anterior")

ⁱ **Fábio Cavalcante de Andrade** é autor dos livros de poesia *Luminar Presença & Outros Poemas* (2005), *a Transparência do Tempo* (2009) e *Contramão* (no prelo). Como poeta já publicou em várias revistas literárias impressas e eletrônicas como *Continente*, *Revista Poesia Sempre* da Biblioteca Nacional e *Zunai*. Tem poemas seus publicados nas antologias *Invenção Recife I - Coletânea Poética*, organizada por Delmo Montenegro e Pietro Wagner; e *Roteiro da Poesia Brasileira: anos 2000*, organizada por Marco Luchesi. Atualmente é professor de Estudos Literários no curso de letras da UFPE, onde coordena o NELIC (Núcleo de Estudos em Literatura Contemporânea).